

# REPRESENTAÇÕES DE LEITURA EM *MINHA VIDA DE MENINA*, DE HELENA MORLEY, E EM *AS TRÊS MARIAS*, DE RACHEL DE QUEIROZ

Márcia Cabral da Silva<sup>1</sup>

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza<sup>2</sup>

## O diário de Helena Morley: o que se lia? Como se lia?

O diário *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970), publicado em 1942, é considerado cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX. Nele, Helena relata fatos relacionados à sua infância transcorrida em Diamantina (Minas Gerais – Brasil). Ademais, a autora traça um amplo painel social de Diamantina entre 1893 e 1895, período em que a narradora, contando entre 13 e 15 anos de idade, cursava a Escola Normal do local. No que diz respeito à educação formal, identifica-se nas páginas do diário a forma escolar (Vincent, Lahire, Thin, 2001) associada à escola normal da época: programas de ensino adaptado à realidade local, método de ensino individualizado ao lado dos processos de memorização e exames escritos e orais:

Sábado, 18 de fevereiro (1893)

Faz hoje três dias que eu entrei para a Escola Normal. Comprei meus livros e vou começar vida nova **Achei tudo difícil e complicado. O que me vale é que tenho facilidade de decorar.** Quando eu não puder compreender, decoro tudo. (MORLEY, 1998, p. 26, grifos nossos).

Ao lado disso, a aprendizagem de Helena não se restringia ao espaço formal das aulas. Para além desse plano, observa-se a mediação paterna, notadamente no que diz respeito às práticas de leitura. Necessário assinalar que, ao lado da instrução formal na escola, compõem marcas emblemáticas da educação doméstica como uma segunda esfera dessa formação, haja vista que a escrita configurada em diário ganha densidade, segundo a narradora, pela mediação paterna.

O pai de Helena, além de minerador, era inveterado leitor de romances. Não somente cultivava a leitura, mas, sobretudo, incentivava a menina a escrever diariamente, assim como a praticar a leitura ela própria. Não se sabe, porém, quais os romances lidos pelo patriarca. No entanto, as leituras de Helena são ali lembradas. De um lado, notam-se as leituras religiosas e coletivas realizadas em voz alta em seu grupo social:

Quinta-feira santa, 30 de março

Na Semana Santa, como não há escola para nós, a família toda aproveita para ficarmos reunidos na Chácara. Ontem, Quarta-Feira de trevas, **Iaiá Henriqueta leu em voz alta a Paixão de Cristo para nós todos ouvirmos.** Como era dia de bacalhau, vovó mandou abrir três garrafas de vinho do Porto para o jantar. (MORLEY, 1998, p. 40, grifos nossos).

De outro lado, notam-se as práticas de leitura associadas aos livros de autoajuda realizadas no âmbito doméstico. Neste caso, a mediação cabia à Tia Madge, representada nas

---

<sup>1</sup> Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [marciacs@ism.com.br](mailto:marciacs@ism.com.br).

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, graduanda em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista TCT/FAPERJ. E-mail: [marianaepss@gmail.com](mailto:marianaepss@gmail.com).

páginas do diário como uma mulher muito rígida e exigente. Ao lado do pai, ela parece ter exercido grande influência na formação intelectual de Helena:

Quinta-feira, 1º de junho

Eu fui acabando de aprender a ler e tia Madge, que só acha bom o que é inglês, arranjou *O poder da Vontade* e me fez ler para ela ouvir. Acabado este de-me outro: *O Caráter*. Eu tinha de ler e contar-lhe tudo tintim por tintim. Afinal os dois dão na mesma coisa: economia, correção, força de vontade. (MORLEY, 1998, p. 58).

Samuel Smiles, autor escocês que nasceu em Haddington em 1812 e faleceu em 1904 escreveu, além de *O Caráter*, *Ajuda-te* e *O dever*. A título de ilustração, observe-se o conteúdo de *O Caráter*. Conforme a apresentação que se pode ler na capa, o livro tornou-se um dos mais representativos best-sellers do seu tempo. Talvez tão amplo alcance fosse o resultado do plano de orientações para a vigilância constante do indivíduo, assim como para o domínio sobre si, aspectos alinhados aos valores morais e religiosos amplamente veiculados ao longo do século XIX, sobretudo entre as famílias nucleares burguesas. Notem-se as principais orientações veiculadas no livro pela leitura do sumário:

Influência do caráter – capítulo I; O poder da família – capítulo II; A sociedade e o exemplo – capítulo III; O trabalho – capítulo IV; A coragem – capítulo V; O domínio sobre si mesmo – capítulo VI; Dever – Sinceridade – capítulo VII; O humor – capítulo VIII; As maneiras – A arte – capítulo IX; A sociedade dos livros – capítulo X; A união no matrimônio – capítulo XI; A disciplina da experiência – Capítulo XII. (SMILES, s/d, sumário)

Conforme pesquisas desenvolvidas no campo da história da leitura (Darnton, 1986; Chartier, 1990, 1996; Silva, 2013), nota-se que as práticas de leitura, os modos, os gestos e mesmo as representações associadas a essas práticas modificaram-se consideravelmente ao longo da história, sendo necessário levar em consideração níveis de alfabetismo, acesso à escolarização, aspectos demográficos, econômicos, políticos, sociais e culturais.

De tal modo, não é difícil compreender as representações de leitura narradas por Helena Morley em contexto brasileiro do final do oitocentos e como podem ter contribuído para conformar sua visão de mundo, pois:

Eu fui acabando de aprender a ler e tia Madge, que só acha bom o que é inglês, arranjou *O poder da Vontade* e me fez ler para ela ouvir. Acabado este de-me outro: *O Caráter*. Eu tinha de ler e contar-lhe tudo tintim por tintim. **Afinal os dois dão na mesma coisa: economia, correção, força de vontade.** (MORLEY, 1998, p. 58, grifos nossos).

Não obstante as noções de economia, de correção e de força de vontade veiculadas em *O Caráter* por Samuel Smiles, os leitores são sempre capazes de subverter o conteúdo do material lido em diversos níveis - aderindo parcialmente ao conteúdo; discordando, associando-o a outras obras lidas - e, conforme sua experiência no âmbito da vida social. Observe-se como Helena Morley relata esse tipo de potência interpretativa:

Tenho certeza de que esses livros não me valeram de nada. Força de vontade não adquiri nem um pingão mais do que tinha. Caráter não mudei em nada. Bondade, nada mais do que eu já tinha. Só uma coisa eu penso que lucrei, mas

não tenho certeza se foi Samuel Smiles que me ensinou, pois não me ensinou outras coisas: foi aprender a ser poupada e a guardar tudo que tenho. Cada um de nós tem duas ou três galinhas. Meus irmãos só esperam as deles botarem e às vezes até acabam de puxar ovo da galinha para assarem na colher ou fazerem gemada. Eu, desde que li os diabos dos livros, ajunto ovos. Quando inteiro uma dúzia, eu vendo. (MORLEY, 1998, p. 58).

Do excerto acima, observam-se ao menos dois tipos de apropriação do material por parte da leitora em formação: uma que rejeita as influências de determinados valores, como força de vontade, caráter, bondade; outra que reconhece a potência do ensinamento das orientações veiculadas por Samuel Smiles acerca da relevância quanto ao controle de gastos, em uma palavra, de se exercer a economia.

### **Algumas representações de leitura em *As Três Marias*<sup>3</sup>**

*As Três Marias*, romance de Rachel de Queiroz, foi publicado em 1939 pela Livraria José Olympio Editora, na cidade do Rio de Janeiro. O romance conta, por meio de uma ótica memorialística, a história de vida de Maria Augusta, mais conhecida como Guta, e de suas grandes amigas Maria José e Maria da Glória. Verifica-se, desse modo, a razão do título *As três Marias*, o qual também faz menção ao nome Maria, emblemático para uma mulher, consagrado pela representação da Virgem Maria. As três meninas se conheceram em um internato religioso feminino, em Fortaleza, Ceará. O livro é organizado segundo dois momentos da vida das meninas e, mais especificamente, de Guta: primeiro, o período da infância/ adolescência, quando Guta ainda frequenta o Colégio; o segundo, o período que se confunde com a saída da adolescência e o início da mocidade, fase quando Guta se forma no Colégio e regressa à casa dos pais. Maria Augusta, protagonista do romance, é retratada como uma menina de 14 anos, em um período transitório entre a infância e a adolescência, quando frequentava um internato religioso feminino.

No que tange à relação entre Guta e os materiais de leitura aos quais tinha acesso, ressaltam-se as aventuras heroicas, os “romancinhos franceses” e a poesia. Nesse sentido, Guta observa:

Falei em livro. É o que vivíamos lendo, então. Foi justamente por esse tempo que descobri a literatura. Até essa época eu já lia, naturalmente, mas lia como criança, pelo prazer das aventuras heroicas, pela sugestão do maravilhoso: Gulliver, Robinson, o Capitão Nemo.

Nesta nova fase comecei a ler como adolescente, como a quase mulher em que me ia transformando depressa. A querer os livros onde falassem de amor, os eternos e róseos romancinhos franceses, em que homens cheios de espírito e de tédio, cansados das sereias e dos paradoxos, se apaixonam pelas ingênuas de dezesseis anos.

E a poesia, a grande e divina poesia!

Mas agora, digo como o velho Rousseau: é preciso não mentir. A poesia me envolveu, me sufocou, me raptou, é bem verdade. Mas na sua forma mais banal e subalterna – nos sonetinhos sentimentais, nas coisas leves e triviais do amor. (QUEIROZ, 2009, p. 33)

---

<sup>3</sup> De modo a verificar outras representações, conferir em SOUZA (2015)

A citação acima indica alguns elementos importantes sobre sua formação literária: de um lado, a leitura para crianças, que era composta de personagens como Gulliver, Robinson Crusóe e o Capitão Nemo<sup>4</sup>, de aventuras e descobertas; de outro, a leitura para adolescente, composta por “romancinhos franceses”, entendidos como os romances açucarados, que envolvem príncipes, princesas, vilões e castelos; e a leitura de poesia, cuja destinação de idade não é explicitada, mas a complexidade e a riqueza parecem ser mais valoradas por Guta.

Guta se aproximara mais da literatura no Colégio, pois, segundo ela, “foi justamente por esse tempo que descobri a literatura. Até essa época eu já lia, naturalmente, mas lia como criança (...)” (QUEIROZ, 2009, p. 32). O trecho permite inferir o contato que Guta tivera com os livros até a sua chegada ao Colégio. Ademais, nota-se que este espaço de formação propiciou uma aproximação mais consolidada com as práticas de leitura.

Outro ponto merece atenção: a aproximação de Guta e de suas amigas da escrita. Guta, Maria José, Maria da Glória e Jandira escreviam em um jornal, ou melhor, um “hebdomadário satírico e independente” (QUEIROZ, 2009, p. 22), cujo ar satírico pode ser identificado pelo próprio título: *Santa Gaiola*. Guta o caracteriza da seguinte maneira: “Marcado ao canto com as estrelas das Três-Marias, impresso a mão, em tinta roxa e ilustrado a lápis de cor. Era quase todo em verso, que a literatura destrutiva prefere os moldes concisos da poesia.” (2009, p. 22).

Sem grandes repercussões, o jornal *Santa Gaiola* acabou no seu terceiro número de “publicação”. Mas, para Guta, “o jornal nos deixou o gosto da sátira, o amor das alusões maliciosas, das paródias e dos epigramas.” (QUEIROZ, 2009, p. 22). As meninas utilizavam o jornal como meio de expressarem suas ideias e opiniões, além de poderem veicular o modo de se expressarem nos espaços cotidianamente.

Notam-se, por fim, os meios pelos quais as personagens protagonistas de *As Três Marias* se relacionavam com a leitura, em especial, Guta: pelos livros que se organizavam conforme as faixas etárias (livros para crianças, livros para adolescentes e a poesia, talvez entendida como assunto para adultos) e pela atividade da escrita, a partir do hebdomadário elaborado em conjunto, o qual facultava o hábito da escrita e a disseminação da leitura no contexto escolar do qual fazia parte.

### Considerações finais

O presente estudo buscou analisar as representações de leitura identificadas em *Minha vida de Menina* (1893 – 1895) e *As três Marias* (1939). Intentou-se, igualmente, estranhar as representações de leitura que circulam em nosso presente. Embora os materiais destacados retratem temporalidades divergentes, as lentes das narradoras focalizam também convergências que não podem ser negligenciadas. Em relação ao contexto histórico de *Minha Vida de Menina* (1893-1895), há de se notar que o Brasil recém aboliu a escravidão em 1888 e, um ano depois, proclamara a República. Desse modo, o diário de Helena Morley registra a cultura escolar da escola normal frequentada pela narradora em meio a esse contexto. Observam-se exercícios baseados na memorização, assim como a leitura do livro denominado *O Caráter*, de Samuel Smiles, com nítidas noções de formação moral. Quanto ao contexto histórico de *As Três Marias* (1939), evidencia-se o primeiro decênio do período Vargas, em meio a um forte aparato das forças controladoras do Estado.

---

<sup>4</sup> Pelo fato de o romance, em si, não trazer a referência completa acerca desses três romances, inferimos que se trata de, respectivamente, *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, de 1726; *Robinson Crusóe*, de Daniel Defoe (1719); e *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1870) ou *A Ilha Misteriosa* (1874), de Júlio Verne, visto que ambas as histórias possuem um Capitão Nemo.

Ademais, a narrativa de *As três Marias* apresenta, em larga medida, a configuração de escolas em regime de internato feminino, visto que na primeira parte o romance se passa sob os muros do Colégio – o internato onde as personagens protagonistas estudavam. Em acréscimo, em *As Três Marias*, foram relatadas algumas situações de leitura e escrita das personagens, em especial Guta, por ser descrita como “amante dos livros”.

Por último, do estudo realizado, observaram-se algumas convergências em relação às representações de leitura retratadas nas narrativas. No entanto, notaram-se também rupturas em relação à ordem, derivadas, em grande parte, das formas de apropriação do material lido, assim como do protagonismo dos agentes sociais envolvidos.

## Referências

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 77-105.

DARNTON, R. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MORLEY, H. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

QUEIROZ, R de. **As três Marias**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009.

SMILES, S. **O caráter**. São Paulo: Papelivros, s/d.

SILVA, M. C. da. **Leitura, pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SOUZA, M. E. P. dos S. **O feminino, a formação identitária e literária em As Três Marias, de Rachel de Queiroz (1939)**. 72 f. Monografia de conclusão do curso de Pedagogia – Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2015.

VINCENT, G., LAHIRE, B. e THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47. jun./2001.